

**UMA LEITURA DO POEMA *MORTE E VIDA SEVERINA*, DE
JOÃO CABRAL DE MELO NETO, COM BASE NA TEORIA
FENOMENOLÓGICA DE INGARDEN**

*Elenor J. Schneider**

1 INTRODUÇÃO

A teoria aristotélica da mímese constituía, por muitos séculos, matéria inconteste nos estudos da Literatura. À obra literária cabia imitar a vida, a história, com a palavra exercendo o papel de intermediadora.

Através dos formalistas russos, no início do século XX, uma forte reação aconteceu. O que interessava avaliar na obra de arte literária, segundo eles, não era o seu grau maior ou menor de fidelidade a um mundo real, mas antes a sua literariedade, expressão criada por Roman Jakobson.

Com o polonês Roman Ingarden, na senda das análises estruturais, apresenta-se uma nova possibilidade de leitura. Solidamente enraigado na proposta fenomenológica de Husserl, Ingarden traz à luz, em 1930, *A obra de arte literária*, conjunto teórico que veio reprojeter a abordagem do texto literário.

Ao propor análises a partir de estratos, Ingarden buscou não retalhar a obra, mas antes penetrá-la mediante diversas possibilidades de aproximação. Os quatro estratos básicos - fônico, das unidades de significação, das objetividades apresentadas e dos aspectos esquematizados - ele os pensa numa linha transversal a serviço da totalidade da obra que se move em linha longitudinal, num deslocamento de A até Z, em seqüências ou fases que, de certa forma, vão-se completando sucessivamente, num contínuo. É importante, neste momento, enfatizar o caráter polifônico que propicia a apreensão estética da obra de arte

* Mestre em Teoria da Literatura, Professor do Departamento de Letras e Comunicação Social da UNISC.

literária. Muitas vezes, esta pode ser apreendida em apenas um dos seus estratos. Um leitor comum, em busca de entretenimento, nada exige além das objetividades apresentadas. Para muitos, a importância de ler um texto literário está em aprender novo vocabulário. São formas até válidas de se acercar da obra, mas a plenitude só se torna possível no soar conjunto dos fenômenos, na polifonia com que se recepciona a obra e que transforma o objeto artístico em objeto de fruição estética.

Partindo do pressuposto de que a obra literária é um fenômeno apreensível pela consciência, Ingarden reconhece o caráter até certo ponto subjetivo dessa operação. São duas consciências que vão se relacionar na intersubjetividade que se estabelece. Em consequência, a apreensão global e definitiva de uma obra é praticamente impossível, ao menos em se tratando da grande obra literária ou, na insistência de Ingarden, da obra de arte literária.

Isso não significa, no entanto, impossibilidade de alcance. A obra literária é gerada por uma consciência e o seu ser só se completa no encontro de uma segunda consciência, que a concretiza, dando-lhe dimensão de vida, a partir das evidências que para essa nova consciência se projetam. E essas evidências se localizam fundamentalmente no texto, não no contexto histórico, social ou psicológico. Se estes se anunciam, é antes ou somente pela presença no próprio texto. O texto é que os revela, não o contexto.

É preciso, porém, compreender que esse acercamento subjetivo do texto - a variação livre para estabelecer determinações - não significa a instauração de mero impressionismo. Se por um lado há espaços para a criação e as variações do leitor, por outro, após muitas variações, é conveniente chegar a alguns elementos que, no fundo, plasmam a essência da obra.

É muito ampla a base teórica proposta por Ingarden. Assim como ela remete a uma análise profunda e abrangente da obra, assim também ela pode provocar a dispersividade. A propósito, o próprio Ingarden adverte para o fato de que "uma obra literária nunca é aprendida plenamente em todos os seus estratos e componentes, mas sempre só parcialmente, sempre, por assim dizer, numa abreviação perspectivística" (INGARDEN, 1979:366).

O objetivo deste ensaio é transpor a teoria para a prática, com o intuito de alcançar uma concretização capaz de responder a uma das leituras possíveis de *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.

2 DA TEORIA À PRÁTICA

João Cabral de Melo Neto (1920) publica, em 1956, em meio a vasta produção que a antecede e segue, *Morte e vida severina*, com o subtítulo *auto de Natal pernambucano*. Na análise deste poema será empregado o método fenomenológico de Roman Ingarden.

Antes de entrar na primeira fase, já o título sugere reflexões. Há, para começar, uma inversão de ordem natural, uma vez que a vida antecede a morte, e no título se tem morte e vida, seguidos de um adjetivo novo - severina -, criação poética, carregado semanticamente pelo sentido de áspero, rigoroso. Dupla, então, é a carga semântica negativa com **morte e severina**, contra a **vida**, única, portanto em posição inferior. Há, porém, um subtítulo que acaba remetendo a uma nova projeção da vida, através do Natal. Sendo um auto de Natal pernambucano, mais determinações se propõem: se é auto, lembra poesia para encenação, de fundo religioso, procedente da Idade Média, lembra verso popular, cultura popular; se é pernambucano, determina-se o espaço; e, se é auto de Natal, é poema em que a vida sobrepuja a morte, o que também justifica a inversão de **morte e vida** do título principal. E, ao mesmo tempo, abre uma indeterminação: que natal é esse em meio à morte e vida severina?

Fase 1: Severino se apresenta

Esta primeira fase é dedicada à apresentação do enunciante que é a primeira objetividade encontrável no texto. Severino se apresenta num tempo presente, com verbos de pouca ação, e também num espaço limitado, a Serra da Costela, dada de condição dura para a vida. Determina-se Severino, síntese de tantos outros retirantes em iguais condições de vida e de morte: "Somos muitos Severinos/ iguais em tudo na vida:..." O sofrimento de todos eles acaba criando a condição de vida e de morte severina.

Ainda quanto ao mundo apresentado, ressaltam-se os elementos que remetem ao aspecto religioso do poema: pia (baptismal), romaria, Maria, Zacarias: os que remetem ao aspecto da terra: cheia de pedras, extinta, tomada de cinza; os que remetem ao aspecto social: fome, violência, fraqueza e doença.

Com relação ao estrato fônico, percebe-se a inteira predominância do

verso regular em redondilha maior, verso de caráter popular, o que fecha com a idéia do enunciante, possivelmente um homem sem cultura formal. O ritmo é regular e lento. A leitura veloz desta primeira fase seria obstáculo à instauração do sentido. Dos 64 versos, 46 rimam um /i/ de timbre agudo. Essa assonância não se dá gratuitamente. Parece possível vislumbrar um Severino esguio, magro, fino, Severino retirante. O poema, nesta fase, não se revela triste, tampouco alegre. Seu ritmo descansado e a estrutura melódica consolidada lembram um tom de conformismo e submissão do sertanejo derrotado.

Quanto ao estrato das unidades de significação, o que se observa é o emprego de um vocabulário simples, em frases de construção corrente dentro da língua. Os verbos, quase todos no presente do indicativo, estão empregados praticamente só para caracterizar o ser, poucos indicam ação. O sentido mais forte advém da presença dos adjetivos caracterizadores de Severino: cabeça grande, pernas finas, e do conjunto de substantivos que definem o retirante: sangue com pouca tinta, a morte de velhice antes dos 30, de emboscada antes dos 20 e de fome, de fraqueza e de doença um pouco por dia. Tudo dito numa linguagem que parece espelhar o real, portanto afirmando em quase-juízos.

Daí se pode passar para o quarto estrato, o dos aspectos esquematizados, e afirmar que o poema projeta um mundo sem brilho, sem cor, marcado pela injustiça que gera a morte e pelas circunstâncias físicas que impedem o surgimento da vida.

Na configuração polifônica de todos os estratos, plasma-se o elemento principal da primeira fase: Severino, que migra para o destino incerto em busca do objeto que também para ele é toda incerteza. Começa a caminhada, começa o preenchimento das indeterminações.

Fase 2: Dois homens carregam um defunto

A vida pessoal de Severino retirante vai, de momento, para o horizonte, para que um outro aspecto venha a se atualizar. E os objetos apresentados são dois homens carregando um defunto, assassinado na caatinga pelo simples fato de possuir uma pequena porção de terra, onde plantava palha. Mataram-no apenas pela cobiça da expansão. É possível afirmar que uma das indeterminações da primeira fase começa a encontrar resposta, ou seja, é dada ao leitor uma razão por que se morre de emboscada antes dos 20. O espaço está determinado.

Há uma alteração no estrato fônico, com a alternância constante do verso de 7 com o de 4 sílabas. A repetição anafórica contribui para a construção do ritmo lento, de uma jornada longa sem destino glorificador. Não existe preocupação com a rima, mas chama a atenção a intensa presença dos versos tônicos que destacam a vogal /a/, dupla, aliás, em “caatinga”, cenário desta segunda fase.

No estrato das unidades de significação, nota-se a ausência do verbo de ação, corroborando o lento desenrolar do quadro. A sintaxe preserva a pontuação tradicional, o que contribui para a morosidade do movimento. O ponto de interrogação tem relevância na construção deste quadro. As expectativas que abre e o preenchimento que se dá constroem a evolução dos versos. Cabe destacar uma maior presença de figuras sêmicas em relação à primeira fase. O morto é um Severino Lavrador, assassinado por uma ave-bala, metáfora construída na inversão dos termos, mas que com isso alcança um sentido muito mais intensificado, acentuando-se a injustiça: se é ave, pássara, como poderia matar? Há outras figuras como a metáfora (“magros lábios de areia”), a metonímia em (“o que acontecerá contra a espingarda”), que contribuem para consolidar a qualidade artística do poema.

O estrato dos aspectos esquematizados entra para unificar os anteriores. O ritmo lento e moroso dos versos, o material semântico, mas principalmente as objetividades apresentadas, nesta primeira estação da via-crucis de Severino retirante, tudo acentua o aspecto da morte. A vida aqui se preserva apenas na solidariedade entre os irmãos de sofrimento. Esta fase culmina com o enterro do defunto. Mas como na primeira se abre o caminho da peregrinação, Severino deverá seguir. Isso se verá na fase seguinte.

Fase 3: Seca corta o rio

Volta à atualização o Severino retirante, desenhado na primeira fase. Que mundo se apresenta? A descida pontilhada de vilas, cidades, arruados, como um rosário, todas as contas interligadas por um fio, o rio Capibaribe. A surpresa com que Severino não contava é a ruptura, o corte do rio pela seca.

Acentua-se, mais uma vez, o fundo religioso do poema - ladainha, rosário, ave-maria, novena de santo, mês-de-Maria -, ao lado do drama, aqui pessoal, de Severino que, vendo a seca cortar o rio, vê o caminho certo tornar-se uma

escancarada encruzilhada, “onde o pé se descaminha”. O objeto procurado parece distante.

Instaura-se a angústia, a incerteza, o que é possível associar a um ritmo mais veloz dos versos. Mantém-se a redondilha maior, traço identificador de enunciante. A aproximação e conexão das palavras lembram o próprio rosário: “saltando de conta em conta”/“Passando de vila em vila”/“entre uma e outra conta”.

Pela análise das unidades de significação, percebe-se a utilização de uma grande imagem: a descida equivale ao desfiar de um rosário. Mas este rosário não confirma certezas, ele se interrompe, o que remete à idéia de que também neste novo espaço “o rio nem sempre pode cumprir a sua sina”.

Dessa forma, pelo que vê, Severino tem pouco a esperar, mas pelo que ouve, é impelido a seguir viagem. A interrogação final abre-lhe nova perspectiva.

Fase 4: Excelências para um defunto

A esperança de Severino encontra mais obstáculos. O que lhe parecia ser festa ou dança, é novo encontro com a morte.

Com maior ênfase no plano fonológico, esta parte do poema se faz lenta e truncada, como é o canto da excelência (uníssono, sem acompanhamento instrumental, cantado em velório). Truncado, por exemplo, em “quando passares em Jordão”, onde o “em” rompe a cadência do verso; truncado no aliterante /k/ de “capuz e cordão/ mais a Virgem da Conceição” ou “coisas de não/ogas, leves:/ como o caixão que ainda deves”. Ênfase ao repetido /ão/, construção de rima pobre, o que se coaduna com o quadro encontrado. O metro simétrico está ausente. O poeta se vale de versos de 3 até 8 sílabas. O estribilho, com a apóstrofe inicial, é a marca também da lentidão do desenvolvimento. O verbo **dizer** predomina nesta parte, o que se correlaciona com **ouvir**, confirmando a acentuada carga fonológica. Como as excelências são repetidas por um homem fora da casa, no final parece que os sons não lhe chegam bem, ou se distanciam, o que vem representado pelo encurtamento dos versos finais, como um eco que se afasta.

As objetividades apresentadas são, mais uma vez, um Severino morto, a sua condição de pobreza e sofrimento. Também o fundo religioso, que perpassa o poema, foi retomado.

A lamúria do canto fúnebre faz chegar, pela audição, um mundo de sofrimento, proposto desde o princípio, a morte um pouco em cada dia, de fome, de sede, por privação. A fase se encerra com Severino ainda distante de seu objeto de busca.

Fase 5: Severino pensa em interromper sua viagem

Retoma-se o contínuo de Severino e os objetos apresentados apontam para uma certa desesperança. Cortado o rio, por que não interromper, por ora, a viagem e reencetá-la na invernia? Há muitas interrogações nesta fase, índices da dúvida em que se encontra o enunciante. Resolve procurar trabalho para manter sua própria vida, já que na trajetória até ali só se deparou com a morte ou, então, com a vida severina. Existe, porém, um medo, o de parar e não mais retomar o caminho.

Reassumindo o plano atual, Severino traz de volta a redondilha maior e a forte tendência das palavras finais com o destacado /i/ tônico, que, sem rigor nas rimas, vai marcando a melodia em correlação especialmente com o /a/, ora aberto, ora fechado. O ritmo continua truncado. Logo no início, a aliteração das linguodentais força a isso: “Desde que estou retirando/ só a morte vejo ativa,/ só a morte deparei/ e às vezes até festiva”.

No estrato das unidades significativas, verifica-se um vocabulário oscilando entre termos relacionados à morte e à vida, verbos mais dinâmicos, revelando um homem a caminho, aqui vendo-se diante da necessidade de encontrar trabalho para sobreviver. A sintaxe é simples e flui de acordo com o processo do pensamento.

Considerando os aspectos esquematizados, poder-se-ia dizer que, nesta fase, o mais importante é a aproximação da vida de Severino com o rio. Assim como a busca de seu objeto vem cortada pelas sucessivas mortes, assim o rio se estanca em poços ou apaga sua trajetória. Estancado, Severino precisa viver. Vai, por isso, procurar trabalho e, assim, nova perspectiva se abre para a seqüência do poema.

Fase 6: Diálogo de Severino com a mulher rezadeira

Decidido a buscar trabalho, Severino dirige-se a uma mulher na janela.

Passa a perguntar por trabalho, mas a mulher o induz a um processo de compreender que todas as suas habilidades, naquele espaço, são inúteis. Não adianta a Severino saber lavrar, cultivar, capinar; não adianta saber pastorear, purgar açúcar, não adianta trabalhar. Aí, o importante é saber lidar com a morte - rezar benditos, dizer ladainhas, enterrar, cantar, etc. A morte, que naquela mulher tinha sua rezadora titular, chega até a provocar o fluxo inverso de pessoas que dela se servem, como os médicos, coveiros e farmacêuticos; em vez de proceder como procedem os homens do sertão, eles sobem o rio para da morte fazer sua vida.

Toda essa parte vem em verso regular de sete sílabas, com o ritmo e cadência bem acentuados. Se antes não havia rigor ou preocupação maior com rima, aqui ela existe, rimando nos quartetos os versos 2 e 4, todos com acento na vogal aberta /a/. Pode-se deduzir daí a clareza da idéia da mulher sobre o mundo que domina. O andamento do poema confirma seu ritmo popular, cada pergunta e cada resposta como partes de uma trova.

Pelos aspectos esquematizados, pode-se concluir que o espaço em que Severino entra é surpreendente só para ele. A morte, tão forte marca do sertão, aqui é tratada com irônica naturalidade pela mulher que diz que "a verdade é que não pude/ queixar-me ainda de azar". Ela, a morte, é promovida até mesmo por quem teria o dever de tratar da vida, como os médicos e farmacêuticos. Se nas paradas anteriores a morte fundava a dor, aqui é razão de sobrevivência.

Fase 7: Severino chega à zona da mata

Novas objetividades se acrescem ao que vem sendo apresentado: terra macia, rios com água, plantação de cana, mas, ausentes as pessoas, um bangüê velho, a sensação de que ali, na zona da mata, a morte não existe. É o primeiro momento de esperança concreta de realização do sonho de Severino. Pensa em ficar: "Quem sabe se nesta terra/ não plantarei minha sina?".

As unidades de significação assumem aqui relevente destaque: a terra, que é branda e macia, que é doce para os pés e para a vista, que é tão feminina, que é tão fácil e rica; a água dos rios é vitalícia, há água nas cacimbas. Severino parece ter encontrado a terra prometida. Um verso, no entanto, suscita desconfiança: "Mas não avisto ninguém". Mesmo assim, supõe que o povo daquele lugar certamente vive em festa, sem necessidade de trabalhar, sem envelhecer aos 30.

Os adjetivos referendam esse ar de ventura: doce, macia, branda, feminina, fácil, rica, verde, todos relacionados à palavra terra, até então um espaço inóspito, duro, castigador.

O ritmo segue a cadência do verso popular da redondilha, mas percebe-se que é bem menos truncado, bem mais andante. Os sons suaves dominam os versos, as vogais abertas e orais são salientes. A seqüência de sons surdos e truncados, marcada, por exemplo, em "contra a piçarra da caatinga" cede espaço à nova massa sonora, sinal da instauração da vida.

Os aspectos esquematizados nos passam, predominantemente, a sensação de vida possível. Mas como Severino também vê bangüê abandonado, como não vê gente, ainda não tem certezas. A fase se encerra indeterminada, pois esse espaço de aparente bem-estar não se dá inteiro ao retirante.

Fase 8: Enterro do trabalhador do eito

Os encantos aparentes de paragem anterior logo se desfazem em novo encontro com a morte. Toda a felicidade imaginada por Severino é desmascarada pela fala dos trabalhadores que dão um companheiro à terra.

Pelas objetividades apresentadas, é possível compreender o novo espaço social em que Severino se encontra (o físico ele vira antes): é terra de latifúndios. Dela, o trabalhador tem direitos de receber apenas o espaço da cova, depois de gastar a vida e as forças para a prosperidade dos outros. A morte é celebrada como única forma de libertação.

Se na fase anterior a melodia sonora dos versos traduziu o estágio sereno do enunciante, aqui se vê o contrário. Os versos são assimétricos, com predominância da redondilha maior, assegurando o caráter popular. Volta o tom lamentoso e monótono do espaço da morte. Os versos em quadra evoluem para tercetos e, depois, para uma estrutura dual que claramente lembra uma ladainha:

"Esse chão é bem conhecido
(bebeu teu suor vendido)."

Gradativamente começam a se preencher os aspectos vazios de desde o início do poema. Aqui, o material semântico é muito revelador. Começam a aparecer as causas do sofrimento do trabalhador, causas promotoras da morte

severina. Só na morte tem o direito de receber o que lhe cabe nesse latifúndio. E toma posse já pouco defunto, defunto parco, carne pouca, sem camisa, sem sapato, sem chapéu; chega com o suor vendido, sem beleza física, sem forças, de mãos vazias. Chega como semente a ser semeada e, como tal, sempre ainda esperança de vida. Nesta fase, intensifica-se a presença das figuras, particularmente da antítese e do paradoxo, o que confirma a intenção crítica desta passagem do poema. Em terra tanta, direito a tão pouco, a cova grande para um defunto parco, a vida que principia na morte, etc. É uma metáfora da terra como lençol, cama e coberta, amorosa “como a mulher com quem se dorme”, ameniza o sofrimento.

Quanto aos aspectos esquematizados, pode-se notar a emergência da estrutura social do espaço em que o poeta situa o poema. Há um mundo de exploração, de opressão, de dor. Mas há também, como se percebe na fala dos amigos, o despertar para essa realidade. A idéia da semente, que reiteradas vezes aparece no poema, aqui está mais intensa. Cada morte pode ser a semente de uma nova esperança. Os trabalhadores que Severino encontrou agora são menos conformados que os anteriores, que se contentavam com rezar pelo homem que partia. Há uma consciência social crescente.

Fase 9: Severino quer chegar logo a Recife

Seguindo a estrutura do poema, Severino volta à atualização, decidido a apressar o passo e chegar ao destino. Ele se dá conta que, mesmo onde a terra é macia, a morte ronda a vida, o homem é explorado. Compreende, então, po que, mesmo nessa paisagem verde, o rio não se detém. Revela seu objeto de busca: estender a sua vida para além da velhice dos trinta. Mas percebe que a diferença nos espaços que percorreu até agora é “a mais mínima”. Quer, por isso, rezar a derradeira ave-maria do rosário da retirada.

Os aspectos esquematizados apontam para um momento de desânimo e desencanto de Severino. Sem os adjetivos repousantes da fase 7, volta a dura realidade do retirante e o aparente irreversível contato com a morte.

Fase 10: Severino ouve o diálogo de dois coveiros

Esta fase vai localizar Severino já no Recife, mas não é ele que aponta no primeiro plano do poema. Em vez de falante, ele é atento ouvinte do diálogo de

dois coveiros, através do qual entra em contato com a realidade do novo espaço em que veio buscar vida. As objetividades apresentadas revelam uma série de elementos novos que vão determinando cada vez mais o sentido social do poema. A insatisfação salarial, as diferenças de classe social, e Severino fica sabendo o quanto são indesejados os retirantes que, na concepção dos coveiros, não seguem trajetória de mais viver, mas antes “vêm é seguindo seu próprio enterro”.

A linguagem, ainda bastante simples e direta, trabalha também com grandes imagens como a dos diferentes cemitérios comparados, conforme a classe social dos mortos, a estações de chegada: de transatlântico a estação de trem ou até parada de ônibus. As longas falas, em agrupamentos estróficos de até 18 versos (estes igualmente irregulares, chegando até ao emprego dos dissílabos) quebram a estrutura fônica que vinha sendo utilizada até agora. É possível vislumbrar nessa linguagem mais espaiada o próprio cansaço da longa caminhada. O ritmo só se torna mais veloz quando o diálogo envolve a vida do retirante. É como se o coração de Severino palpitasse mais, uma vez que era o seu destino que estava em análise.

Com relação aos aspectos esquematizados, pode-se dizer que, através deles, o mundo vai se aclarando cada vez mais. Se Severino esperava encontrar amenidade, é-lhe dado conhecer que a vida não lhe reservava grande surpresa. Pelos aspectos esquematizados, conclui-se que a estrutura social é injusta e que os privilégios se reservam a bem poucos. E agora, o que resta a Severino?

Fase 11: Severino aproxima-se de um cais

Diante do que ouviu dos coveiros, Severino assume sua desilusão. Ainda em redondilha maior, seu verso, agora moroso, em frase longa, fecha com esse desencanto. A esperança de um pouco mais de água, farinha, algodão para camisa, tudo se desfaz na revelação de que a descida do sertão era o próprio encontrar-se com a morte. Severino concluiu que fora inútil a sua jornada, razão por que, de fato, deseja aquela morte sugerida pelos coveiros: jogar-se da ponte e enterrar-se no “caixão macio da lama,/mortalha macia e líquida”. O material da morte se presentifica com o insistente emprego de vocabulário afim: enterro, morto, morte, coveiro, caixão, mortalha, coroas. Severino teria pouca coisa a esperar.

Fase 12: Encontro com José, mestre carpina

Desolado na cidade grande, Severino vê aproximar-se dele um também ex-retirante. Trata-se de José, mestre carpina, morador de um dos mocambos do cais. Dois mundos, então, se põem frente a frente: em comum, a mesma origem, o mesmo sofrimento; divergente, a posição diante da vida. Enquanto Severino é só pergunta, enquanto tudo lhe é dúvida, José mostra-se confiante na vida.

O poema cria a grande imagem comparando a travessia do rio com a travessia da fome. Sem mais forças, Severino está optando por se afogar; esperançoso na vida, José pensa valer a pena vivê-la, ainda que em suaves prestações.

As unidades de significação remetem ao novo espaço presente: lamaçal, água grossa e carnal, fome, miséria.

Severino, que tanto fez para procurar a vida, agora está disposto a se jogar da ponte. Seus anseios não se preencheram. A fase se encerra com uma pergunta que deixa ainda indeterminado o destino de Severino.

Nesta fase, há uma importante objetividade introduzida. Trata-se de José, carpinteiro, de Nazaré da Mata, promovendo a esperança da vida. Co-apresentada com ele certamente vem a figura de São José, carpinteiro, de Nazaré, pai de Jesus Cristo, integrantes da conhecida grande história de Natal. Começa a se determinar o que desde o princípio não estava, *o auto de Natal pernambucano*. O fator de direção intencional aponta para Jesus Cristo, o princípio dos novos tempos.

No quadro dos aspectos esquematizados, cumpre evidenciar a posição polar dos dois falantes: desespero X esperança. No campo lingüístico, Severino traduz suas falas em sucessivas perguntas; José, em tentativas de preencher o que o retirante busca, para reanimá-lo para a vida.

Fase 13: Anúncio do nascimento

Acresce-se como nova objetividade um menino recém-nascido, filho de mestre José. Concretiza-se o Natal anunciado, em versos suaves, em que predominam as vogais abertas associando-se em leves assonâncias a poucas vogais fechadas. A palavra **vida** é enfática e mais o é no conjunto repetido "saltou

para dentro da vida", em que o verbo assume importante função dinâmica.

Enquanto tudo isso, Severino vai para o horizonte. É-lhe dado assistir à celebração da vida, que daqueles mocambos acaba de brotar.

Fase 14: Louvor dos vizinhos, dos amigos

O poeta introduz aqui um verdadeiro hino de louvor à vida, com ritmo de salmos bíblicos. A vida se anuncia por todos os sentidos: o mau cheiro é substituído pela alfazema, o lamaçal é enxugado pelo vento terral, o céu e a terra cantam louvor, o rio de água cega ou baça enfeita-se de estrelas. Sai inteiramente a morte, instaura-se plenamente a vida.

Nessa altura do poema, graças a um ritmo suave, a uma cadência fluente; graças a um material semântico positivo, como os verbos dinâmicos **cantam**, **celebram**; graças à vida, novos aspectos esquematizados alteram profundamente o tom que o poema vinha carregando até aqui.

Fase 15: As pessoas trazem presentes

Altera-se a estrutura do poema. Não é Severino que é atualizado, mas as pessoas que trazem presentes, o que logo remete ao mesmo fato acontecido por ocasião do nascimento de Jesus. Só que o Natal pernambucano não tem reis trazendo ouro, incenso e mirra, mas antes o povo com caranguejos, leite, papel de jornal, água, canário, bolacha d'água, boneco de barro, pitu, abacaxi, rolete de cana, ostras, tamarindos, jacas, cajus, peixe, siri, carne de boi, mangas e goiamuns, soma de elementos que revelam o nível social e econômico das pessoas do mundo apresentado.

Quanto às unidades significativas, permanece uma sintaxe simples. A estrutura anafórica, que marca os versos iniciais, se faz com o verbo **ser**, determinador da condição das pessoas, e as estrofes se completam com os verbos **trazer** e **dar**, reveladores das atitudes solidárias dos visitantes. O substantivo mais enfático é **pobreza**. As últimas estrofes utilizam apenas dois versos finais. O poema assume, nesta fase, desde um caráter lúdico, sinal da alegria ("Eis tamarindos da Jaqueira/ e jaca de Tamarineira"), até um sentido crítico e social ("Mangas compradas nos quintais ricos/ Goiamuns dados pela gente pobre").

Os versos são predominantemente em redondilhas maiores, mas são assimétricos. É visível o esforço de preservar sua musicalidade, assegurada por rimas parciais nas estrofes iniciais e plenas nas estrofes finais, onde o jogo poético é bem acentuado. Poucas são as palavras com sons mais fechados de /o/ ou /u/. Predominam as de som aberto /a/, /e/, /o/. O clima é de alegria e festa pelo nascimento do menino.

Os aspectos esquematizados projetam uma aparência da vida como algo que vale a pena, não pela pobreza em que vivem as pessoas, mas pela solidariedade que ameniza o sofrimento e que leva a não saltar fora da vida. Há uma sensação visual das pessoas depondo seus presentes; juntando todos eles se tem a fartura e a abundância com que é possível sobreviver.

Fase 16: Ciganas predizem o futuro

Em plena euforia da festa, falam também duas ciganas, que projetam o futuro do menino. A primeira prevê a mesma vida das pessoas que vivem no mangue. A segunda lê outro destino: o menino será trabalhador de fábrica, o que lhe permitirá aspirar a uma condição de vida melhor.

Nesta fase, de novo versos de sete sílabas, com acentuação preferencial na terceira e sétima, ou quarta e sétima, o que leva a uma leitura de ritmo regular. A rima é parcial, o que, aliás, confirma toda uma tendência do longo poema.

As unidades significativas revelam verbos de ação, que têm a ver com o desenvolvimento do menino e sua futura ocupação.

Pelos aspectos esquematizados, é dado visualizar o futuro do recém-nascido, embora esse futuro se apresente muito indeterminado, uma vez que se pode questionar se a segunda cigana de fato anuncia uma vida melhor na troca da lama do mangue pela graxa da máquina da fábrica.

Fase 17: Vizinhos, amigos falam

Nesta fase o menino é mostrado fisicamente e também é dada a importância de seu nascimento. As objetividades revelam amigos, vizinhos e mais pessoas

presentes no mocambo e, principalmente, o menino, cuja configuração é projetada por um vocabulário revelador: magro, pálido, franzino, guenzo, pequeno, enclenque e setemesinho. Paradoxalmente as palavras mais destacadas, no entanto, são **formosura e belo**, o que leva a entender a importância do menino para a transformação da vida entre aquelas pessoas. Em vez de a morte contagiar a vida, é a vida que contagia a morte (“- Belo porque corrompe/ com sangue novo a anemia”). Assim se esclarece uma indeterminação desde o título projetada, da vitória da vida sobre a morte. É certo que a vida continua severina, mas ao contrário do que pensava Severino, o retirante, dela não vale a pena saltar. A vida nova é sempre “uma porta/ abrindo-se em mais saídas”.

Fase 18: Encontro final de José com Severino

Aqui se completa, por fala de José, o quadro anterior. Na última fala de Severino, na fase 12, ele lança uma pergunta, a que o mestre carpina responde agora com a presença da vida: “E não há melhor resposta/ que o espetáculo da vida”. Assim como na discussão anterior José diz ser difícil resolver com palavras a fome, aqui ele volta a afirmar que “é difícil defender,/ só com palavras, a vida”. É ela mesma que se dá como resposta às angústias do ser humano.

Os verbos dinâmicos - a vida que **brota**, que **explode**, que se **fabrica**, - a explosão, a repetida palavra **vida**, tudo contribui para encerrar com otimismo o poema, com a sobreposição da vida à morte. O enunciante do princípio do poema, ativo promotor dos seus caminhos, aqui no final ouve apenas, mas mensagem suficiente para continuar ou recomeçar a vida.

3 CONCLUSÃO

Cabe, ao final da análise, comprovar a efetiva vinculação e contribuição dos estratos para a totalidade do poema, ver em que sentido as camadas, como verdadeiras vertentes subterrâneas, vão alimentar o rio, que corre na superfície, de um ponto zero até seu destino final.

Embora constituindo a totalidade da obra, os estratos mantêm sua individualidade e nela são visíveis. É este o caráter polifônico que Ingarden traz vislumbra na obra de arte literária. Ao propor a análise por estratos, Ingarden traz

a idéia da incisão transversal, pondo à mostra a constituição interna da obra. As diferentes combinações internas, as diversas polifonias é que vão distinguir uma obra de outra, um gênero de outro, como diz Maria da Glória Bordini: "E do efeito polifônico derivariam a singularidade de cada obra e os traços distintos dos gêneros literários" (BORDINI, 1990:95).

Em *Morte e vida severina*, os aspectos apresentados giram em torno de dois eixos: morte e vida. Mais da metade do poema se ocupa da morte ou da morte latente, que está na vida severina. O primeiro elemento do mundo das objetividades é Severino que, em virtude das precárias condições da vida na Serra da Costela ("magra e ossuda"), resolve migrar, na esperança de alcançar uma velhice além dos 30 anos. O objetivo final é chegar a Recife e só isso ele tinha em mente. Ao descer a serra, porém, e se deparar, ponto a ponto, com a realidade, foi desmontando seus sonhos: encontra a morte a cada conta do rosário (que é como denomina as vilas, cidades e arruados por que passa), não há trabalho e, onde a paisagem é verde e abundante, encontra ainda mais injustiça. A agonia de sua esperança ele a ouve no diálogo de dois coveiros, para os quais, quem desce do sertão, segue os passos de sua própria morte.

Por outro lado, os objetos apresentados remetem à vida, decorrente de um natal pernambucano. Um ex-retirante, vivendo na miséria do mangue, celebra e vê celebrada intensamente a vinda de seu filho. Saem os objetos da tristeza para dar lugar à esperança. Uma alegria paradoxal, deve-se reconhecer, já que o melhor futuro anunciado pela cigana é ainda o menino ser explorado no trabalho, não na sujeira do mangue, mas na graxa da oficina.

Enfim, o mundo apresentado é o dos retirantes do sertão de Pernambuco, onde a vida é muito dura, e o de um subúrbio de Recife, com suas agruras também, mas reanimado pelo natal pernambucano.

O estrato fônico vem bastante marcado pelo fato de o poema se tratar de um auto e ter sido concebido para dicção em voz alta. Sendo auto, tem característica popular, funda-se basicamente na redondilha maior, da qual extrai sua melodia, seu ritmo e seu andamento. Predominam os versos populares e o ritmo em quase todo o poema é lento, moroso e espreado, embora sejam perceptíveis também passagens em que se acelera, de modo especial quando afeta o destino humano, quer positiva, quer negativamente. É evidente que existe uma preocupação com sonoridade, expressa, por exemplo, com a presença, ainda que não rigorosa, da rima. O estrato fônico-lingüístico é importante na construção

deste poema, por remeter de forma significativa ao espaço em que os fatos se passam, de povo simples, religioso e sem pressa.

Para apresentar as objetividades, o poeta se vale de uma linguagem bastante comum. A sintaxe é simples ao longo de todo o poema. A pontuação é normal. Alternam-se os momentos de linguagem direta e metafórica, esta construída bastante a partir do imaginário das pessoas envolvidas. Parece estar nos substantivos a carga semântica maior. Os verbos são antes reveladores do estado do que da ação, o que fecha com essa idéia da morte ou de uma morosa retirada. Os adjetivos são enfáticos em algumas passagens. Por exemplo, na caracterização de Severino e na do menino recém-nascido, é possível notar em que se aproximam e em que se diferenciam. Se ambos são feios, magros, doentes, o menino é belo porque renova a esperança da vida. Verdadeiras palavras-vivas proporcionam contato direto com os objetivos visados. Nada será mais vivo e direto que "água grossa e carnal".

Os aspectos esquematizados possibilitam perceber o mundo físico e social que sustenta o poema de João Cabral de Melo Neto. No espaço físico do sertão, a seca impede a vida; no espaço físico da Zona da Mata, onde há água e boa terra, a vida também não vinga. Tanto num como noutro, a causa subjacente é a injusta construção da sociedade. Ao tentar passar adiante de ambas as situações, Severino se depara com outra, muito pior, no espaço em que procurava vida plena, a cidade grande.

Então, há vidas tristes, que chegam pela fala monótona dos versos, pela matéria vocabular pesada e negativa, que só encontram contraposição na explosão da vida no final do poema.

O poema transmite uma sensação de opressão, de penúria, de desesperança, de injustiça. O nascimento do menino tenta encerrá-lo de forma positiva.

A leitura pelos estratos enriquece a compreensão do leitor que, assim, aprende de forma muito mais ampla a trajetória de Severino, que se desloca no eixo horizontal, em busca da vida. O que permanece indeterminado ainda, ao final, é a conquista do seu objeto de busca. É que a vida severina ainda não encerrou seu ciclo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORDINI, Maria da Glória. *Fenomenologia e teoria literária*. São Paulo: Edusp, 1990.
- GOLIN, Cida. *Roman Ingarden e a poesia de Carlos de Oliveira*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 105-122, mar. 1991.
- INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1979.
- INGARDEN, Roman. A bidimensionalidade da estrutura da obra literária. Trad. Maria Aparecida Pereira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 dez. 1969. Caderno de Sábado, p. 10-12.
- MELO NETO, João Cabral de. *Os melhores poemas de João Cabral de Melo Neto*. Sel. Antônio Carlos Secchin. São Paulo: Global, 1985.
- RAMOS, Maria Luíza. *Fenomenologia da obra literária*. 2. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Forense, 1972.
- REIS, Carlos. *Técnicas de análise textual*. 3. ed. Coimbra: Almedina, 1981.
- SCHÜLER, Donaldo. *A palavra imperfeita*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.